

**“Eu não moro mais em Luanda e nem nunca mais
poderia morar lá, porque o lugar onde morei já não
existe mais”**

Entrevista: José Luandino Vieira e a Diáspora Africana¹

Entrevistadoras

Joelma Gomes dos Santos² (UFPE)

Patrícia Soares Silva³ (UFRPE)

José Luandino Vieira, um dos maiores nomes dentre os autores literários em Língua Portuguesa de que se tem notícia, presenteou-nos com esta entrevista, em que comenta questões ligadas ao tema da diáspora africana. Vieira, tendo lutado a partir de boa parte de seus escritos de cunho notadamente revolucionário pela libertação de Angola, viveu parte de sua vida nas cadeias da temível Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), durante o processo de resistência angolana frente à colonização portuguesa e posterior guerra civil do país africano. Nesse sentido, o escritor produziu textos emblemáticos como **A Cidade e a Infância** e **Luuanda**, antologias de histórias que, felizmente, podemos encontrar nas livrarias brasileiras, vindas a lume sob selo da Companhia das Letras. No dia mais importante da História de seu país, o 11 de Novembro (dia da independência de Angola), o ficcionista angolano, que reside em Portugal, estava em Ouro Preto, a joia mineira rodeada de montanhas, por ocasião do IV Encontro de Professores de Literaturas Africanas em Língua Portuguesa. Atualmente vivendo longe de sua Angola, parece estar muito mais próximo deste país cuja capital carrega não apenas no nome, como é possível perceber ao longo de sua fala.

Pergunta: Para você, é possível imaginar a nação e a identidade angolanas numa era de globalização crescente como a nossa?



Para mim, não é fácil imaginar. Para mim é imperioso ver, mais do que imaginar. Isso faz com que eu tenha estado sempre atento ao que se passa; quer em Angola,

quer no mundo. E, em relação ao que se chama globalização, eu estou sendo muito desconfiado do caráter muito englobante que se dá a esse termo, ou a esse conceito de globalização, porque, quando eu olho para Angola, o que eu vejo é que a atividade econômica, o desenvolvimento, ou o crescimento econômico de Angola, esse sim está incluído na lógica e nos processos e no ritmo do que se chama a globalização, pelo menos nesse aspecto. E que, no caso de Angola, nota-se muito bem como a lógica desse desenvolvimento é uma lógica que tem pouca diferença das lógicas anteriores contra as quais nós lutamos, como uma das formas que nós queríamos abolir com a independência política. Eu sei que nós conseguimos a independência política, e não conseguiremos, porque não é possível ter a independência econômica no mundo como o mundo está, mas a relação de dependência que está atribuída à possível riqueza de Angola no contexto mundial é o que mais me magoa. Não nos é permitido nesse contexto desenvolver. Não nos é permitido, ou nós não somos capazes, ou não queremos – ou eu diria que não estão se importando nisso de desenvolver formas autônomas de crescimento econômico, ainda que dentro do processo de globalização da economia. Se calhar, estou a ser muito confuso. Gostaria que fôssemos nós a decidir se sim ou não, nós é que fazemos isto: ou o investimento prioritário é neste ou naquele meio. Me parece que quem dita o rumo do investimento para o crescimento não são os angolanos. Portanto, como é que eu vejo Angola no contexto da globalização? A situação econômica de Angola é de tal ordem que a grande maioria da população só conhece disso. O problema da globalização não se põe nesses termos teóricos, quer dizer, a luta pela sobrevivência; nem é o local, é quase só o de bairro, é de tal ordem premente para a sobrevivência que o problema da globalização não os toca. E essa, como a grande maioria da população angolana, está formalmente excluída desse processo, desenvolveu uma economia paralela (não sei se é paralela, informal), que essa sim é real e no sentido de ser o sustentáculo financeiro de toda a movimentação social do país. Sobre isso há os grandes lances econômicos mundiais ou de seus representantes, que procuram fazer de Angola mais uma das bases desse crescimento da globalização econômica ou financeira. É como eu vejo. No aspecto de repercussões culturais, esse processo trouxe todas as renovações tecnológicas que a sociedade utiliza num sentido de que se apropriou delas e que vai utilizando, mas não tenho o conhecimento no terreno que me permita avaliar se vão ser um instrumento de ajuda à consciencialização e a libertação da situação em que vivem, ou se vai consequentemente agudizar e a aprofundar a diferença, a desigualdade e exclusões. Porque telemóvel dá pra gente ligar sempre em qualquer altura e convocar, e poder fazer um outro tipo de movimentação, mas também fragmenta a

pessoa, aliena e isola; enfim, nós podemos nos juntar mas estamos muito mais isolados. Eu pensava...

Pergunta: Com relação à convivência das etnias...



Eu não tenho informação suficiente sobre isso também porque, primeiro, não tenho estado permanentemente em Angola; segundo, porque a guerra embaralhou tudo. Não sei que movimentos migratórios internos forçados ou doutrinados, ou deliberados ou espontâneos, estão a existir, não sei. Sei que o esforço no crescimento foi feito nas vias de comunicação, abrir novas vias de comunicação e nas infraestruturas para educação e saúde. Se isso promoveu ou obrigou a que as populações deslocadas voltassem às suas zonas de origem, não creio... Se isso está a passar, eu não tenho informação. Se isso se passasse, o regresso das grandes massas deslocadas aos seus locais onde estão as raízes, onde estão as bases do imaginário, onde estão grandes passados, onde estão as ideias... Eu poderia tentar elaborar qualquer resposta, mas assim não sei. Sei que o processo de urbanização é assim: e deu como... a guerra e o processo de urbanização forçado, porque as pessoas foram forçadas pela guerra a reunirem-se nas cidades ao longo do litoral e trouxeram pelo menos uma consequência: o alargamento em flechas do uso da Língua Portuguesa como forma de intercomunicação e o reforço da consciência nacional. As pessoas vindas de todos os lados chegavam à cidade e descobriam que haviam outros vindos de outros lados e que todos, afinal, eram aquela bandeira. E depois inverte-se, não é?! Pelas duas coisas, juntou a guerra dos dois exércitos, juntou as pessoas e fez do uso da Língua Portuguesa na guerra um instrumento que ela obrigou também a desenvolver. Não era possível utilizar, mesmo que as utilizassem normalmente, num contexto de guerra – a pessoa dar uma ordem em umbundo para que o capitão kimbundo depois a transmitisse em kimbundo a um artilheiro tchokwe... Não tem sentido. E isso, quer queira, quer não... Às vezes, com o Pepetela, discutimos isso... É verdade, esta guerra... Construímos um país, ninguém pode calcular o grau de destruição e sofrimento que a guerra trouxe, mas como todo processo histórico, depois vamos ver o que isso nos beneficiou também, não é?!

Pergunta: Para você, há diferenças entre a Literatura Angolana que emerge de Angola e a feita a partir de Portugal, onde está a maior parte dos escritores angolanos na diáspora?



Eu noto que há, na Literatura Angolana atual, várias formas de encarar a realidade angolana, ou, pelo menos, várias formas de pensar de si mesmo. Há escritores que

assumidamente ou não assumidamente se encaram a si próprios como escritores, escritores, num mundo, e depois é que num mundo em que escrevem em Português, e depois, são do mundo, escrevem Português e são naturais de Angola. E, nisso, estão incluídos num sistema editorial que, nos últimos anos, tem dado origem a uma normalização, uma homogeneização, uma iguali... Não sei que termo hei de usar: quero dizer, a gente lê um capítulo sem saber quem é o autor, lê outro capítulo dum segundo e, no fundo, aquilo tudo parece escrito no mesmo computador. Não sei se há aí uma influência do modo como constroem esse romance, guarda, cola, aquelas coisas – computador... E estou a falar, se calhar, com um pouco de inveja destes que usam computador, porque eu não uso. Mas eles não estão a ver Angola do ponto de vista do sítio onde estão, mas isso obriga-os a estar em consonância com um outro meio cultural, mesmo que não frequentem, que não aceitem. Alguma coisa do aquário onde estão metidos passa para as guelras deles, e eu posso dar um exemplo concreto talvez: quando eu li o livro **As Mulheres do Meu Pai**, do Agualusa, eu tinha acabado de ler um outro livro que o Boaventura ainda não publicou, o Boaventura Cardoso. E fiquei a pensar nisso, porque o Agualusa é um exemplo de escritor que não tem sítio. Ele vive em qualquer lugar: no Brasil, como pode estar em Luanda, pode estar... Ele, portanto, quando escreve, escreve realmente como não situado em nenhum local. Mas o Boaventura estava de embaixador em Roma e em Paris também, e as duas escritas não tem nada a ver uma coisa com outra. A gente olha para o livro de um e para o livro do outro e percebe que um está incluído no sistema editorial mundial, vamos dizer assim. Mundial entre aspas, porque o Oriente... E o Boaventura é uma coisa mais de dentro, mais do local. Mesmo que depois, em termos da temática, e, sobretudo dos valores, e das formas que ambos transmitem, o Boaventura esteja mais perto do universal do que o Agualusa. Isso que estou a dizer não é um julgamento de qualidade literária de ambos, de quem sou de ambos amissíssimo, e leitor, mas é o que fico – ambos andaram no estrangeiro e como é que vão ficar... Portanto, essa questão do sítio a partir do qual se escreve parece que na Teoria Literária tem muita importância. Não sei se o escritor sente isso *a priori*, ou se só dá conta disso depois quando isso aparece na escrita.

Pergunta: Poderia comentar um pouco a respeito do tratamento que é dado a Literatura Angolana em Portugal do ponto de vista editorial e comercial?



Neste momento, o que os editores portugueses fazem é não arriscar. Eles aproveitaram um certo *boom* que houve dos autores angolanos vinte anos atrás. Vinte anos atrás, as razões por que aceitavam os escritores angolanos nas suas

editoras eram diferentes. Havia uma componente política e havia uma componente de novidade que chegava ao mercado os países independentes, a Literatura dos países independentes por outro lado havia uma camada de leitores ainda com uma dose de – não digo de saudosismo, mas de memória sobre esses antigos territórios que faziam o mercado. Quem pôde beneficiar desta altura, e eu fui dos que beneficiaram, sobretudo no aspecto político, ficou ligado. E quando esse momento passou, essas editoras, esses autores já tinham cavado seu lugar no mercado, e, portanto, as editoras não os deitaram fora, mas não arriscam em novas editoras. Há uma editora e é interessante que essa editora que publicou cadernos de Cabo Verde, de Angola, de Moçambique e que depois está arriscando em outros autores... Não é que peçam conselho ou que peçam opinião ou que mandem para leitura, mas, dum modo muito difuso, e às vezes até um modo assim muito... Para esses próprios que não entendem que estão a fazer isso de um modo geral tendem sempre a ligar esses novos que eles lançam a um certo aval dos que eles já tinham editado. Essas editoras a que estou a referir majoritariamente editavam angolanos, no caso os angolanos. Essas editoras entraram com um grande grupo. A estratégia dum grande grupo editorial como foi constituído não é a estratégia de cada uma daquelas pequenas editoras. Até o momento, eu não senti nenhuma diferença. Mas, por exemplo, já percebi; vi ontem um livro editado pela Leya Brasil e isso me admirou, quer dizer que o grupo aderiu e continua a respeitar as ligações que os editores tinham com as editoras brasileiras. Eu publico pela Companhia das Letras porque foi um acordo com a Caminho, mas, por outro lado, o próprio grupo já criou aqui um concorrente das editoras brasileiras. Está a haver uma luta no mercado pela posse dos autores africanos lusófonos, os lusófonos da África [risos]. É como vejo o mercado. Não vejo que arrisquem. Tirando a Caminho, que todos os anos conseguia publicar um ou dois mil fora do que era o *main team* deles, não vejo diferença. Mas, em Angola, nasceram várias pequenas editoras, e parece-me que a correção que vai haver no movimento editorial vai ter que partir felizmente de Luanda. Editoras como a Kilombelombe, que editou a pouco um livro de dramaturgia ou uma coleção para dramaturgos com o novo livro de João Maimona, e os livros atingiram uma qualidade gráfica igual à qualidade gráfica de Portugal ou Brasil. Só há um problema de criatividade de *design*, mais nada, porque, do ponto de vista técnico, não há nada a dizer e foi feito no Sambizanga em Luanda, naquela gráfica. Então, são boas notícias. Disse-me ontem o Pepetela que havia uma discussão sobre uma nova lei de livros, e que ao que parece estão tentando tirar o maior entrave, que são as altas taxas alfandegárias, quer para importar, quer para exportar livros, o que faz com que os livros tenham preço altíssimo. Mas o que estou a

dizer é que está mudando o aspecto editorial. Se conseguirem mudar o aspecto aduaneiro, acho que isso vai contribuir muito, porque tenho notícia de que há muitos jovens poetas tentando publicar os seus livros e o melhor da Literatura Angolana que está nascendo agora (agora, que eu digo, é há dez anos) é a poesia, não é a prosa. Muitos daqueles jovens dos anos 1980, Maimona, José Luís Mendonça, Paula Tavares, Kafukeno, poesia de alto nível. Eles todos leram Drummond, claro, portanto... Isso é como eu posso ver o momento editorial. Se houver mais editoras e houver uma política correta do livro na Literatura Angolana, vão aparecer livros que nós não esperávamos. A paz já tem oito anos... Dois generais já publicaram seus livros; agora, com esses anos todos de guerra, se começa... Vai cair um pouco a qualidade, a qualidade não é de se pôr a qualidade como critério, mas se toda a gente começar a pôr as suas experiências ou as vividas ou as vistas eu ia me surpreender com as coisas que iam aparecer.

Pergunta: Você acredita que a Literatura Brasileira lida com a questão da diáspora africana?



Diáspora africana? A presença do africano no Brasil? Eu conheço muito mal a Literatura Brasileira. Tenho muito pouco conhecimento da Literatura Brasileira atual e o pouco conhecimento que eu fui tendo, ao longo desses anos, vem de revistas, jornais, livros, estudos que são apresentados. Eu tenho em conta que há uma maior presença do tema e uma maior presença dos próprios autores afro-brasileiros, que não era, do que eu conhecia até 1965, 1967, sobretudo nos últimos anos. Eu não tenho conhecimento direto de leitura desses textos, mas atentando, nos últimos anos, que a política externa brasileira foi desenhada para colmatar essa falha, o que tenho visto é que, não sei se é por força de lei, por um momento crucial, por mudança de mentalidades, não sei; mas que eu noto que há uma mudança, há. Quer no sentido correto... Não sei se a leitura que os afro-brasileiros fazem de si próprios é uma leitura endógena ou se é uma leitura por força da globalização, ou se vem de movimentos que já tiveram a sua época e a sua expressão noutros pontos, inclusive do Continente Americano, e que agora estão revelando o Brasil. De modo que não posso opinar sobre isso.

Pergunta: Na Literatura Angolana, como é que isso acontece? Como a questão da diáspora africana é tratada no texto?



Eu acho que não está se tratando. Na perspectiva de diáspora, eu não conheço. Há, em angolanos que estão fora do território, não sei se porque sai fora do território, podemos dizer que estão na diáspora. Em Lisboa, há uma diáspora, mas há angolanos isolados por todo o mundo e alguns a produzir textos. Não sei se esses textos, não me parece que reflitam mais do que sua situação pessoal, ou de saudosismo ou de uma espécie de semelhança em relação à realidade... Não conheço. Mesmo o romance do Zé Eduardo [José Eduardo Agualusa] sobre o Rei Canário; não me parece que tenha sido construído sob esse prisma, de uma diáspora angolana nos subúrbios do Rio. Parece que tudo no romance é mais fruto do motivo literário – claro que atento à realidade. Essa é a minha leitura pessoal, que pode estar eivada de preconceitos [risos].

Pergunta: Mas é uma leitura válida. É possível pensar no tema da diáspora africana como um ponto de convergência entre as Literaturas do mundo lusófono?



Pode, porque, se essas diásporas partilharem... Se essa situação da diáspora for na mesma época e em torno dos mesmos problemas... Mas, mesmo assim, as diferenças culturais entre esses diversos países... Certas comunidades têm uma presença maior no tempo, muito mais antiga. Pode haver convergência, mas não parece tender para uma homogeneidade. Eu nunca pensei sobre isso. O escritor é preguiçoso. A gente inventa as histórias, não anda à procura [risos].

Pergunta: Na sua visão, o aumento da importância econômica de países como Angola e Brasil poderia ajudar a chamar a atenção para a produção literária dessas nações, com a formação de um público leitor interessado nas questões debatidas por essas Literaturas?



Acho que sim, que o crescimento econômico arrasta, se for mesmo um crescimento econômico, muita riqueza, o que vai dar um outro tipo de capacidade de compra. Se o mercado editorial se desenvolver no sentido de ser lucrativo, de ter um bom investimento, esses países têm tudo a ganhar, em conduzir para um maior alargamento do movimento editorial, da produção e da divulgação do livro. Assim, acredito que pode-se pensar que mesmo esse crescimento econômico, que obedece a critérios quase rigorosamente de lucro absoluto, traga como consequência a outra face, que é permitir um maior uso e produção de bens culturais.

Pergunta: Se a gente pensar em Angola, você acha que há uma maior difusão do livro? O público de leitor tem mais acesso?



O grande problema de Angola é que o sistema de educação não está a funcionar como deve, não privilegia o livro, não há política de incentivo à leitura. Mas quem tem poder financeiro em Angola não lê; quer ter dinheiro para outras coisas. E quem quer ler não pode comprar os livros. Talvez porque a camada social que, em Angola, tem capacidade financeira de usufruir de bens culturais não tem formação cultural. Mas também não é ainda uma camada social que ditaria modos de comportamento, que teria reconhecimento. É uma camada de ricos, não é uma classe social. Não haveria interesse dessa camada de ricos em comprar, por exemplo, o livro de Rubem Fonseca.

Pergunta: Gostaria que você comentasse as relações atuais entre a Literatura Brasileira e a Literatura Angolana.



Eu desconheço... A Literatura Brasileira já foi muito mais lida em Angola – no tempo colonial e no tempo da luta clandestina – do que é hoje. Antes, havia um grande interesse pelos livros brasileiros, agora não há nada disso. A Literatura Brasileira chegou a ser modelo para os angolanos, agora não é mais... Muito embora seja possível encontrar num ou noutro escritor sinais refletidos dos escritores brasileiros, como um Rubem Fonseca, por exemplo.

Pergunta: Se pensarmos na Casa dos Estudantes do Império (CEI) – que abrigou tantos escritores africanos, situada na metrópole ainda no período colonial, dentro também da revolução angolana – poderíamos dizer que foi em Portugal que, de fato, os escritores se fizeram angolanos? O que pensa dessa consideração?



Penso que não é correta. O fato de existir a Casa dos Estudantes do Império, por um lado, era uma guetização dos estudantes, no governo Salazar, mas isso permitiu que eles desenvolvessem, ali, em comum, uma grande identidade. Então a CEI funcionava isolada, ligada apenas a um movimento estudantil com ideias emancipatórias em relação a Portugal e às colônias. Montou-se uma rede entre as várias nações africanas, deu-se origem a várias associações, algumas políticas, e ajudou-se a divulgar textos literários. Mas não se pode dizer que ali eles se fizeram escritores nacionais. Ali eles se fizeram militantes políticos dos países. Depois eles se converteram em escritores, quando chegou a independência, e falaram de suas experiências de militância, guerrilha, de passagem por Lisboa ou Coimbra. Em termos de formação literária, a CEI não foi decisiva. Quando foram, já levavam a semente, o que possibilitou a troca entre eles e a edição de alguns

textos. Havia palestras sobre cultura dos países no contexto africano, que eram para consumo interno da casa.

Pergunta: Você não mora em Luanda, mas Luanda parece morar em você; não essa Luanda ou essa Angola de agora, mas uma Luanda ou uma Angola de outros tempos. Gostaria que comentasse um pouco a esse respeito.



Isso é verdade. Eu não moro mais em Luanda e nem nunca mais poderia morar lá, porque o lugar onde morei já não existe mais. Mas também a cidade onde vivia, não era a cidade aquela onde eu estava. Há uma espécie de mitologia de Luanda, como a cidade dos musseques. Ao longo da História, felizmente, restaram muitos documentos escritos sobre a cidade, uma parte se perdeu, desde a fundação até 1641, foi para o fundo de um rio. Isso criou uma Luanda como uma cidade de escritores, com imagens diferentes. Cada um tem a sua imagem. Mas agora aquela cidade onde eu morava já não existe mais, o que não é bom nem é mau. Do mesmo jeito que a de 1700 e tal também não existe mais. Ouro Preto, por exemplo, conseguiu conservar muito do século 17. Não sei o que será Luanda daqui há dez ou quinze anos. Será outra coisa, mas alguma coisa do espírito daquela cidade restou. Os mais novos veem Luanda de uma outra maneira, mas há qualquer coisa, na maneira deles, que é nossa também. Luanda é uma cidade como Salvador ou como Havana, as quais nunca deixam de ser aquilo que a mitologia delas apresenta.

¹ Entrevista realizada em 11 de novembro de 2010, em Ouro Preto-MG, na varanda do Grande Hotel Ouro Preto.

² **Joelma Gomes dos SANTOS**

Doutoranda em Teoria da Literatura na Universidade Federal de Pernambuco.
Bolsista CAPES.

³ **Patrícia Soares SILVA**

Doutora em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco.
Professora Adjunta da Universidade Federal Rural de Pernambuco.
Pesquisadora do Grupo de Investigações em Filologia Ibérica.